

A revolução fascista está sendo metódicamente preparada

A Cruzada Nacional Nun'Alvares é actualmente o baluarte da reacção—da reacção conservadora e aguerida que está preparando metódicamente uma revolução fascista. Agrupam-se nela, despertando-a da sonolência em que se encontrava, salvando-a da decadência em que caíra, os militares e militaristas que foram derrotados no 18 de Abril e no 19 de Julho; os monárquicos de tendência integralista que resolvem não fazer questão da implantação da monarquia, convencidos de que ela virá mais tarde como consequência inevitável dos acontecimentos que se hão de seguir à revolução; os conservadores de *nuança* vagamente republicana que pretendem um homem forte, um homem de ferro que ponha «isto a direito» que é como quem diz pôr tudo a ferro e a fogo; os ambiciosos de benesses e de sinecuras, os sequeiros de poder que querem dominar tudo e todos, entronchados em poderes discretórios; a finança, as «forças vivas» que pretendem ver aniquilada a organização operária, para assim exercerem sobre as classes trabalhadoras uma exploração redobrada.

Os vencidos das duas revoluções só agora reconheceram que uma revolução não vinga, desde que não encontre uma certa corrente de opinião que a apoie e secunde. E sentiram, amargamente, no 18 de Abril, o desprêzo e a indiferença que por eles manifestou uma parte da cidade e a hostilidade como a outra parte os acolheu. Compreenderam que estavam isolados, restando-lhes apenas o apoio dos miseráveis restos do miserável sidonismo.

O sidonismo ainda está na memória de todos os que foram atingidos por esse período repressivo, sangrento e criminoso. A revolução que nos ameaça é cem vezes mais funesta e mais perigosa. Falta aos dezembristas um pensamento político comum e definido; o que surgiu após essa revolução foi mais um embrião sem pés nem cabeça do que um plano de acção sistemática. O sidonismo como pensamento político resumiu-se numa vingança dos monárquicos sobre os republicanos e numa perseguição acintosa à classe operária; sintetizou-se numa espécie

de prólogo à implantação da monarquia, malograda no Norte do país e na Serra de Monsanto.

A revolução que se prepara obedece a intenções políticas rigorosamente demarcadas. Pretende-se instaurar em Portugal uma ditadura fascista como a de Itália e apoiada principalmente em espadas do exército, como a de Primo de Rivera. É o fascismo que se pretende implantar em toda a sua pureza: assassinações de militantes operários e de trabalhadores conscientes cometidos por bandos de cadastrados, assaltos a sindicatos e a residências, devastações e incêndios, crimes e roubos; a imprensa amordaçada, primeiro e suprimida depois, todas as liberdades e garantias individuais suspensas, a fim de que a vontade omnipotente dos ditadores não sofra os reparos duma crítica independente, nem os protestos dos que são atingidos por suas medidas repressivas e violentas.

A Cruzada Nacional Nun'Alvares vai prosseguir a sua propaganda de Mussolini e do fascismo, a fim de lerar o ambiente propício à eclosão dum movimento revolucionário.

Por outro lado, na sombra, os fascistas vão continuando a preparação do seu movimento e estão convencidos de que estão militarmente bem apoiados. Alguns militares graduados conhecidos pela simpatia que, a propósito de tudo, manifestam pelas ideias mais reacçãoárias estão ocupando situações de destaque que lhes permitem intentar um golpe de audácia. O que falta aos fascistas é o apoio dos oficiais inferiores e dos soldados, além da hostilidade que encontram por parte dalguns oficiais de patente elevada. Mas, para obviar a estes inconvenientes, pensam em aproveitar para a sua revolução os recrutas que ultimamente entraram para as casernas. E sobre eles que vai incidir uma grande e insistente propaganda, a fim de os converterem em defensores dum movimento em que abundam criaturas odientas e cobardes, incapazes de se baterem pelas suas convicções.

Que os recrutas repilam essa propaganda nefasta que visa a armá-los em assassinos dos seus irmãos, em fazer deles os degraus sangrentos sobre os quais treparão, insolentes e triunfantes, os futuros ditadores.

Notas & Comentários

O Entrudo

Hoje, Domingo Gordo, é dia de regaço tradicional. O Entrudo, tão criticado pelas criaturas de bom senso e tão amado das que gostam de divertir-se, vai enfraquecendo na sua alegre intensidade. Não somos, como os primitivos cristãos, dos que odeiam a alegria. Pelo contrário, entendemos que ela é imprescindível à saúde moral. O que nos parece estúpido é eleger três dias especiais e seguidos, no ano, para se estar alegre. Ambicionamos a constante felicidade humana, desejamos que a alegria que enche as almas durante o Carnaval se perpetuasse pelos trezentos e sessenta e cinco dias do ano. E que não chorássemos, sem pão nem arrimo, muitos proletários famintos, quando outros enganando a sua própria sorte se divertem doadamente.

Ultramarino falido

Informam-nos da Arcaea que de Loanda recebeu o ministro das Colónias, um telegrama comunicando que o Banco Ultramarino voltou a suspender as transferências entre as praças da província, recusando-se a transferir fundos para Cabinda que tomadores entregaram em notas.

Esta notícia confirma plenamente o estado de falência em que o referido Banco se encontra, conforme largamente explanamos no nosso artigo de ontem.

Importante

A Câmara Municipal, embora não tivesse conseguido ainda obrigar as Companhias Reunidas de Gás e Electricidade, a iluminar Lisboa dedica entretanto o seu esforço a problemas importantíssimos como o de obrigar todas as taboetas a ostentar os seus dizeres em português.

LISBOA MODERNA

Foram ontem postos em circulação os «taxis» da Cooperativa «A Lusitana»

Os transportes urbanos foram ontem enriquecidos com um importante melhoramento: a Cooperativa de Condutores de Automóveis «A Lusitana» pôz em circulação dez «taxis», marca «Le Zebre».

Os novos carros, dum grande conforto e comodidade, deram uma nota alegre nos serviços de transportes urbanos, nota que o público soube corresponder preferendo-os a quaisquer outros.

A direcção da Cooperativa «A Lusitana» teve a amabilidade de mandar à nossa redacção dois dos seus membros cumprimentar A Batalha, gentileza que muito agradecemos.

Fusão de duas centrais reformistas

Reuniram-se em Reichenberg, nos dias 20 e 21 do mês passado, os delegados das centrais reformistas da Tchecoslováquia e da Alemanha. Após várias negociações, os delegados fizeram um acordo para a fusão das duas organizações, devendo esperar-se a ratificação que terão de fazer os sindicatos interessados. A nova central reformista, agora constituída, deve aglomerar cerca de 500.000 operários.

A semana de A BATALHA

O 7.º aniversário do nosso jornal vai ser brilhantemente comemorado

Tudo se conjuga para que as festas comemorativas do 7.º aniversário de A Batalha resultem brilhantes. A comissão continua afluindo a adesão de valiosos elementos, sendo já inúmeros os pedidos de bilhetes para a recita de homenagem à Batalha no teatro Apolo. Para as festas que terão lugar durante os dias 21 a 28.

Já a comissão conta com a valiosa colaboração da Tuna Tondelense e Banda da Sociedade Filarmónica Instrução e Recreio Barreirense. Também para a quermesse que funcionará durante os dias festivos algumas prendas têm sido oferecidas à comissão dentro os quais citaremos um gramafone oferecido pelo camarada Ricardo Correia Perpetuo.

Lembra a Comissão aos organismos e camaradas, a conveniência de fazerem o mais breve possível os seus pedidos de bilhetes na administração.

Apela ainda a comissão para todos camaradas para que orem prenda para a quermesse.

O programa definitivo das festas será publicado dentro de breves dias, e está destinado, pelo número dos seus elementos, a constituir um extraordinário sucesso.

Tratados com os Soviéticos

BERLIM, 13. — O tratado de comércio germano-russo, já ratificado, entrará em vigor no dia 12 de Março. — (L.)

ANGORA, 13. — Pela assembleia nacional foi aprovada, por unanimidade, a ratificação do tratado turco-soviético concluído em Paris, em Dezembro último. — (L.)

«Raid» à Argentina

BUENOS AIRES, 13. — Os aviadores espanhóis, que concluíram a travessia do Atlântico, farão o regresso pela costa do Pacífico em visita às repúblicas sul-americanas daquela costa.

O itinerário ainda não está determinado, bem como se irão ou não aos Estados Unidos.

Conferência franco-soviética

PARIS, 13. — Chegaram a esta cidade os últimos delegados russos à conferência franco-soviética sobre as dívidas do antigo império, a qual inicia os seus trabalhos no próximo dia 17 do corrente.

Contra as deportações

Foram enviados ao chefe de Estado os seguintes telegramas:

SANTAREM, 12. — A junta de freguesia do Salvador, desta cidade, constituída por velhos republicanos, algumas vítimas das suas opiniões, pedem a V. clemência a favor dos presos republicanos a bordo do *Pero de Alemquer*, não os deixando deportar. — O presidente da Junta, Adolfo Branco.

SANTAREM, 12. — Republicanos históricos, defensores da República, protestam contra as deportações que se pretende fazer dos civis e militares presos no *Pero de Alemquer*, deportações essas que só aproveitam aos inimigos do regime, para os quais tem havido sempre a máxima benevolência e protecção, Teixeira Barbosa.

O REGIME DOS TABACOS

Pela proposta do ministro das Finanças os interesses do pessoal das fábricas não ficam devidamente assegurados

Outra vez os tabacos. Vamos viver em regime de «Régie». A proposta do ministro das Finanças que o parlamento vai discutir assim o estabelece.

Marcada como está a nossa posição não temos que ter armas por outro regime, assim como não temos que aplaudir a «Régie». Queremos apenas que os direitos do pessoal sejam assegurados no novo regime, queremos igualmente que a situação do consumidor não se agrave com o ressurgimento da «Régie».

Porisso a função deste e dos subsequentes artigos será de análise à proposta do sr. Marques Guedes na parte que ela afecta o interesse do pessoal das fábricas do tabaco.

Principiemos pela base oitava e seus parágrafos, cuja doutrina é como segue:

«BASE 8.º O recrutamento e movimento do todo o pessoal operário não operário, bem como a fixação dos seus ordenados e salários constituirão actos de exclusiva competência do Conselho de Administração, que deles dará conhecimento ao Conselho Fiscal.

§ 1.º O pessoal operário e não operário será recrutado e mantido sempre em regime contratual, nos termos da legislação civil e comercial vigente.

§ 2.º São mantidos em vigor os actuais regulamentos do serviço interno e de trabalho, das penas disciplinares e motivos de suspensão e despedida de pessoal operário e não operário.

Quaisquer modificações nesses regulamentos só serão introduzidas e postas em vigor depois de prévia audiência dos delegados das respectivas classes.

§ 3.º São mantidas as tabelas reguladoras de salários de 15 de Março de 1890 e quaisquer outras actualmente em vigor na Administração da Companhia dos Tabacos, enquanto as condições do fabrico o permitirem, devendo, quando se criarem marcas novas, estabelecer-se o salário proporcional ao fabrico das referidas marcas.

§ 4.º O pessoal operário e não operário, que pertence à antiga Administração Geral dos Tabacos e que esteja inscrito nos registos da Secretaria da Fiscalização dos Tabacos será conservado ao serviço das fábricas do Estado, sendo-lhes mantidos os direitos de que actualmente goza.

§ 5.º O pessoal operário e não operário admitido além daquele pela Companhia dos Tabacos de Portugal e actualmente inscrito nos registos da referida Secretaria será mantido ao serviço, salvo se o Conselho de Administração puder reduzi-lo sem prejuízo da produção.

§ 6.º Ao pessoal operário e não operário actualmente existente e interessado no legado de João Paulo Cordeiro, será garantido esse benefício, calculado como o foi pela antiga Administração Geral dos Tabacos.

A doutrina do parágrafo primeiro temos que opor a seguinte constação:

O regime de desigualdade em que viveu durante 35 anos o pessoal dos tabacos tem que terminar. Não podemos conceber que a nova «Régie» estabeleça a diferença de

categorias: pessoal do quadro e pessoal contratual.

Tudo o pessoal deve ser único, com igualdade de direitos. Eis tudo.

Quanto ao parágrafo segundo. Presentemente, em regime de monopólio privado, para os casos de demissão, o pessoal tem o recurso dum tribunal arbitral que é assim constituído por: 2 delegados dos operários—dos da Companhia—um operário—dois delegados da Companhia—um técnico e um advogado. O Comissariado da respectiva circunscrição serve de árbitro nos pleitos entre o pessoal e a Companhia.

O pessoal tem ainda um outro recurso: o arbitragem do ministro das Finanças.

Ora com a proposta do sr. Marques Guedes que cria a «Régie» desaparece o Comissariado e com ele todos os recursos que acima fazemos menção.

Falemos agora do parágrafo terceiro. Neste parágrafo prevê-se a criação de novas marcas de tabaco. Para que o pessoal não seja mais lesado nos seus direitos do que é actualmente, é bom saber-se que em regime de monopólio privado existem duas marcas de tabaco—francês e empapelo de cigarrilhas, no Porto—pelas quais o pessoal extraordinário recebe menos 74 centavos em cada quilo do que o pessoal do quadro, considerado ainda da «Régie».

Mas onde a base oitava mais fere os interesses do pessoal que actualmente trabalha nas fábricas dos tabacos, é exactamente no seu parágrafo quinto. Vejamos pois:

O pessoal extraordinário tem hoje uma caixa de reforma especial para a qual contribui com 5.º dos seus vencimentos semanais. A Companhia é a depositária da Caixa. Com o novo regime todo o activo da Companhia passará para a «Régie», desaparecendo assim as regalias que aquele pessoal hoje usufrui.

Além da perspectiva da perda destas regalias prevê-se ainda que com a introdução dos novos maquinismos a maior parte do pessoal, hoje considerado da «Régie», será reformado com a irrisória quantia de 5500 diários. E essa reforma será ditada, não por um sentimento humano, mas pela conveniência de afastar esses velhos que não podem produzir hoje como já produziram na plenitude da sua juventude.

O pessoal extraordinário—operário e empregado—admitido depois de 15 de Maio de 1890, fica na iminência de ser lançado à margem, porque a introdução da maquinaria provocará a super-produção.

Ainda sobre o parágrafo quinto da base oitava.

E' de presumir igualmente que o pessoal quando adoeça perceba apenas 5900 diários, quantia que descerá até à importância de 3500, que os doentes perceberão a partir do sexto mês da enfermidade.

Fiquemos hoje neste simples exame. As outras bases serão apreciadas oportunamente.

Almanaque de «A Batalha»

192 páginas com muitas gravuras, preço 5\$00.

A campanha dos divisionistas da organização operária responde o seu passado de afirmações

Há dias, em resposta à campanha insultuosa e divisionista que os partidários da I. S. V. vêm desenvolvendo contra a C. G. T., A Batalha e os militantes confederais, nós afirmámos que se quizessemos pôr de parte o decore e fazer uso dos processos dos nossos adversários, facilmente lhes devolveríamos os epítetos e insinuações com que nos têm mimoseado, sem recorrermos à calúnia, essa arma vil dos fracos e dos sem razão.

Não; a C. G. T. e com ela a pureza dos princípios emancipadores do proletariado estão muito acima de todos os difamações. As punhadas de lama com que pretendem sujar a dignidade dos que se mantêm fiéis a afirmações de liberdade, não nos atingem, pois o vento justiciero lança-as de ricochete às faces dos que no-las atiram.

No entanto, não fantasiaremos situações. Os nossos detractores, esses idealistas repassos, atingiram uma parte dos seus objectivos. Não conseguiram, é certo, vencer a Central Operária no cerco que lhe fizeram; mas scindiram, fraccionaram a massa trabalhadora, para gozarem dos seus inspiradores e da burguesia.

Nas mesas dos cafés, eles continuam a conspurcar a dignidade dos militantes confederais; nas sessões de que acorrem, fazem como o capanga: ferem e escondem a mão; mentem, falseiam as ideias e furtam-se à resposta; nos órgãos corporativos das suas classes—onde tripudiam à vontade sobre a boa fé da massa—continuam a empregar todo o espaço na campanha anti-confederal.

Com um ar de quem está absolutamente de posse da verdade, alardeiam que a C. G. T. caiu nas mãos dos anarquistas; que o ambiente confederal lhes era hostil e os forçou a retirar; que os «puros» da C. G. T. são intratáveis pela sua rigidez e que, enfim, é mister sair do campo abstracto das ideias e fazer imediatamente a revolução. . .

E quando alguém põe uma dúvida à sua sinceridade, eles lembram o seu corolário de sacrifícios pela causa, o seu brilhante passado de afirmações.

Causa pasmo o arrojo com que se invoca o passado. Porventura os detractores da C. G. T. se recordam hoje do que afirmaram ontem?

Nós, sim, nós recordamo-nos. E respeitamos tanto esse passado, que é inspirado nele que prosseguimos a nossa rota.

Felizmente que a versatilidade dos homens não consegue calar o eco das afirmações—proferidas nem apagar os caracteres

que as levarão ao conhecimento das gerações vindouras.

Podem os indivíduos contradizer-se; mas, afirmações são sempre afirmações. Os que os ouvem e os lêem têm o direito incontestável de lhes perguntar: Quando mentistes?

Como o passado demonstra quem se desviou dos seus princípios

Chamámos mentirosos e relapsos aos partidários da I. S. V. . .

Calúnia, blasfémia!—responder-nos não basta; acusar, é mister provar. E como o falseamento da verdade não está nos nossos lábios, vamos dar a palavra a alguém que com exuberância corroborará o que vimos de afirmar.

Esse alguém é o Passado—esse brilhante passado de afirmações, invocado ainda mas tão esquecido já pelos homens nossos adversários de tendência.

O povo que trabalha e se organiza para defender-se e conquistar o bem estar comum não pode ser alheio a esta pugna travada entre os que o querem possuir como massa arrebanhada e fácil esteio de novos senhores e os que o querem livre, inteiramente livre.

Atenda, pois, o proletariado a voz do Passado, acompanhe-nos neste bocado de história, a traços largos feitos.

Em princípios de 1921, após algumas jornadas gloriosas da nossa organização sindicalista, lembraram-se alguns militantes de que seria conveniente constituir à margem da C. G. T. um organismo revolucionário que agregasse, especialmente, todos os elementos ains, valores úteis mas não confederáveis. Essa organização extra-sindical visava a apressar o acto revolucionário.

Com esse fim realizaram-se na Associação dos Caixeiros algumas reuniões, em que se debateram princípios e táticas. Os militantes que de princípio estavam de acordo desentenderam-se por fim, porque alguns, os alucinados hoje de «puros anarquistas» e entre esses alguns dos que estão na barricada de lá, defendiam a outrance a hegemonia e independência da organização sindicalista, enquanto outros se manifestavam pela ingerência na acção política, advogando, para principiar, a conquista das juntas de freguesia. . .

Dessas reuniões saiu o chamado Partido Comunista. A C. G. T. ficou espectante ante o novo agrupamento político. Passado

um período de tempo que poderia ser de gestação—mas que o não foi, visto que se não organizaram, como seria natural, células partidárias—o novo partido deu à luz um manifesto-declaração de princípios, no qual, nem uma alusão se fazia de ataque à sociedade capitalista. Esse documento visava, de fio a pavio, a organização confederal; negava à C. G. T. toda a capacidade administrativa e revolucionária, na previsão do acto revolucionário, entregava a gestão política ao Partido Comunista, e a gestão económica, numa situação de subalternação, à organização sindical.

Ressurge a histórica «nota oficiosa» da C. G. T. contra o Partido Comunista

A esse documento célebre respondeu o comité da Confederação Geral do Trabalho com «uma nota oficiosa» com data de 17 de Julho de 1921, da qual o Passado nos aconselha a transcrevermos hoje os seguintes e mais importantes períodos:

«Respeitando as decisões dos congressos sindicais nacionais, a C. G. T.—única força organizada do operariado português—afirma a característica anti-colaboracionista da organização sindical com as instituições da burguesia e com quaisquer partidos políticos, seja qual for o seu método de acção e a sua finalidade político-social».

O proletariado, a caminho da sua emancipação pela libertação da tutela dos senhores de hoje não quer criar novas cadeias onde os prendam, amanhã, novos senhores.

E' este acto que se prepara na organização sindical revolucionária, nesse conjunto de organismos federativos que representam o trabalho e os trabalhadores, e de que a C. G. T. é a mais elevada expressão.

O sindicalismo, porque é a própria acção dos trabalhadores em luta contra o patronato, particular ou estatal, jamais cerrou as suas portas aos trabalhadores, por extremamente revolucionários que estes sejam; o sindicalismo é um campo amplo e vasto onde todas as boas vontades podem exercer a sua acção revolucionária, em sentido emancipador.

Mas não consentem que no seio da organização que constitui a sua própria base

no que ela tem de mais puro e transcendente, se criem ou medrem processos novos, ou velhas e gastas formulas que se afastem do espírito de luta de classes e que representem desvios perigosos para a própria organização, desvios que poderão apresentar o que cada novo interessado queira, mas que contribuem para a divisão da classe operária e que por isso mesmo constituem a negação de toda a luta revolucionária e emancipadora dos trabalhadores.

A C. G. T. afirma que a organização—os Sindicatos, as Unões de Sindicatos, as Federações de Indústria e a Confederação—sendo organismos de combate, serão organismos de expropriação e não confiar a quaisquer partido político (que não pode exprimir hoje, nem nunca, pela heterogeneidade da sua constituição, a vontade dos trabalhadores) o que só os trabalhadores podem e devem realizar, pela acção directa nos seus organismos de classe—únicos que representam hoje o trabalho escravizado, e que amanhã representarão o trabalho emancipado.

Consequentemente, repudia categoricamente a ideia de que seja um partido de «administração política», que amanhã possa erigir-se em governo, que lhe entregue os meios de produção, vindo assim as Federações de Indústria a ficar sob uma nova tutela que inevitavelmente tolherá todos os movimentos daqueles organismos de produtores.

A C. G. T. aceita o significado da frase: a «organização sindical não se basta a si própria»—se com ela se quer explicar que para se conseguir um estado social filosoficamente superior, não basta a luta económica pela acção do sindicalismo; mas se se quer tirar a ilação de que a acção do operariado, como classe social escravizada, não basta ser exercida no terreno económico, para o ser simultaneamente no terreno político parlamentar e com o concurso estéril e perigosamente nocivo dos *videirinhos* da política, então a C. G. T., fiel às decisões dos Congressos Nacionais sindicais, declara que a acção do operariado basta, e que, como tal, nem emparceira com qualquer partido político, nem consente que no seio da organização se desenvolva a deletéria acção política.

A C. G. T. continua e continuará respeitando o princípio de autonomia individual dentro da organização, respeitando as cren-

ças e as opiniões de cada sindicato; mas não se afastará do dever moral de igualmente respeitar os princípios morais que caracterizam e norteiam a organização sindical no seu conjunto.

Nesta conformidade não impõe a quem quer que seja o abandono de quaisquer opiniões, desejando, em troca, que ninguém, indivíduos ou colectividades, lhe imponham as suas.

A C. G. T. lembra a todos os militantes sinceramente e conscientemente revolucionários, que as forças da burguesia preparam o assalto de fúria contra o operariado, sobretudo se o conseguem ver dividido; lembra que, momentaneamente, será a divisão do proletariado a sua melhor vitória.

A C. G. T., por isso mesmo, exprime o sincero desejo de que tais factos não se observem, com o concurso directo ou indirecto, de todos aqueles que na organização sindical têm responsabilidades.

Qualquer acção exercida em contrário virá retardar a obra da revolução, prejudicando a emancipação dos trabalhadores, que tem que ser obra do seu esforço e da sua união.

Em torno desta «nota oficiosa» levantou-se celeuma. A palavra *videirinhos* feriu os tímpanos de alguns que se julgaram visados. Em quatro sessões do Conselho Confederal foi debatida a nota do comité, acriticamente atacada pelos neo-comunistas e acrisoladamente defendida pelos militantes integrados nos objectivos revolucionários da C. G. T.

De todos os pontos do país, todos os sindicatos se manifestaram, com uma absoluta exortanteidade.

E' ainda o Passado—o inexorável passado—que nos aconselha a lembrarmos aos nossos adversários, a forma como se pronunciaram os organismos que eles orientavam e onde ainda hoje pontificam.

Como em 1921 falava o Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército

O Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, talvez o mais forte baluarte dos divisionistas, onde então pontificavam e hoje se mantêm os militantes Júlio Luís, João Pedro dos Santos e outros, respondeu à «nota oficiosa» votando, em assembleia de 22 de Julho de 1921, a seguinte moção:

«Apreciando todos os pontos de vista da nota oficiosa da C. G. T. e considerando

que nela se encerram todos os objectivos preconizados pela autonomia sindicalista;

Considerando que ela se conserva íntegra perante todas as resoluções tomadas no Congresso de Coimbra e traduzidas pelos estatutos da central da organização, aprovados nesse Congresso;

Considerando que o Comité Confederal num gesto de elevada firmeza, soube defender a autonomia absoluta de toda a organização operária; mas

Considerando ainda que este sindicato tem defendido os pontos de vista do sindicalismo revolucionário, preconizado em todos os congressos em que tem tomado parte; A assembleia resolve:

1.º Continuar coerente com todos os pontos de vista firmados no Estatuto referendado no Congresso de Coimbra e ao qual este sindicato deu a sua ampla aprovação;

2.º Solidarizar-se com a nota oficiosa da C. G. T. publicada em A Batalha de 17 do corrente;

3.º Tornar pública a sua satisfação pela altive e isenção do Comité Confederal, por ele ter sabido pôr a organização a coberto de qualquer confusão.

Confronte-se este documento, esta bela afirmação de princípios, com a matéria contida no jornal A Internacional, órgão dos partidários da I. S. V. e que tem no cabeçalho o nome de João Pedro dos Santos e ainda com O Arsenalista, órgão corporativo do Sindicato, autor da moção supra, dirigido por Júlio Luís, e veja-se quem é que se desviou do caminho da coerência, quem é que deixou de defender os princípios emancipadores do proletariado.

Ah! quando pode a paixão dos homens, o seu anseio de predominar. Depois do mais formidável ataque aos divisionistas do operariado, a pretexto de agravos cuja inexistência haveremos de provar, irmanam-se com eles na mesma acção daninha. Mais! arvoram-se em chefes supremos da scisla!

Como nesse mesmo ano se pronunciava a zona sul da Federação dos Empregados no Comércio

Um outro organismo que se pronunciou também pela pureza dos princípios revolucionários, foi a Federação dos Empregados do Comércio (zona sul). Esta Federação fazia publicar em A Batalha de 27 de Julho

COLISEU DOS RECREIOS
Grandiosas festas do Carnaval
HOJE às 14,30 HOJE
Matinée com um admirável programa, repetindo-se a grande pantomima burlesca que ontem obteve grande sucesso
BAILE INFANTIL
com brindes a todas as crianças mascaradas e mais os seguintes valiosos prémios às melhores máscaras:
MENINAS—1.º—Um valioso estojo com caixa de pó de arroz e escova de dentes em prata, oferta da ourivesaria Alvaro Pires, Limit.ª.
2.º—Um magnífico chapéu em veludo, oferta do Salão Modêlo.
3.º—Um par de sapatos para Carnaval, oferta de «A Portugal».
4.º—Um par de sapatos de polimento, oferta de João da Silva, Limit.ª.
5.º—Uma elegante malinha para criança, oferta da Casa das Carteiras.
6.º—Um estojo para bordar, oferta da La Becare.
7.º—Três lindos pentes, oferta da Perfumaria Ideal.
8.º—Uma música, oferta da Casa Sasseti.
MENINOS—1.º—Um palhaço, oferta da Casa Suissa.
2.º—Um cornetim de metal, oferta de Custódio Cardoso Pereira.
3.º—Um tambor, oferta da Viúva Rangel.
4.º—Um par de meias para «sport», oferta da Casa Maia, Limit.ª.
5.º, 6.º, 7.º e 8.º—Pastas escolares, oferta de João Ferreira Gomes, Lt.ª.
PREÇOS (incluindo todos os impostos)—Camarote de 1.ª ordem, 75\$00; de 2.ª, 65\$00.
Fautuils, 15\$00. Geral, 5\$00.
A's 20,45—HILARIANTE ESPECTACULO seguido de um deslumbrante **Baile de Máscaras** durante o qual tocarão alternadamente 2 magníficas bandas de música 2
Amanhã—2.ª «Matinée» e baile infantil

de 1921 a seguinte moção, aprovada por unanimidade no seu conselho:

«Considerando que a organização operária se deve manter afastada de todos os grupos políticos, para assim ser fiel aos princípios defendidos e aprovados no Congresso de Coimbra;
Considerando que se aceitássemos como boa a doutrina do manifesto do Partido Comunista seria reconhecermos a falência do Sindicalismo;
Considerando que a F. P. E. C. se fez representar no Congresso de Coimbra, aceitando os seus delegados o estatuto confederal;
A junta sul da F. P. E. C. reúnida em 21-7-921 para apreciar o manifesto do P. C. e a nota oficiosa da C. G. T., resolve dar toda a solidariedade à Central dos Sindicatos Portugueses, na certeza que *ela se basta a si própria* para a formação duma sociedade, onde não haja explorados nem exploradores.»

Assim se pronunciava a Federação dos Empregados no Comércio, sob os auspícios da orientação de José Corvo, Fausto Gonçalves, Rodrigues Loureiro e outros que ainda hoje ali preponderam. Hoje este organismo é também um foco de divisionismo, pela feição política que tomaram esses mesmos elementos que a dirigem.

Outros organismos e seus militantes falavam assim:

A própria Associação dos Caixeiros de Lisboa pronunciava-se sobre a nota oficiosa do Comité confederal, fazendo publicar em *A Batalha* do mesmo dia 27 a seguinte nota:

«A Associação dos Caixeiros, ontem reúnida para a nomeação de delegados ao próximo congresso corporativo, resolveu dar todo o seu apoio à nota do Comité Confederal da Federação Geral do Trabalho, ultimamente vinda a público e publicada no jornal *A Batalha*.»

A excepção do Sindicato dos Alfaiates de Lisboa, todos os organismos operários se pronunciaram aplaudindo a «nota» do Comité confederal e defendendo calorosamente a orientação que norteava e ainda hoje norteia a Central Operária Portuguesa. No Sindicato Metalúrgico, ao discutir-se a «nota», entre outros militantes, quem mais a defenderam foram Abel Jacinto Pereira e José de Sousa. Estes elementos são também figuras marcantes na campanha divisionista.

O conflito suscitado pela nota oficiosa do Comité da C. G. T. foi solucionado em sessão do C. Confederal, de 27 de julho do referido ano, com a aprovação da seguinte moção apresentada pelo representante do Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste, Miguel Correia:

«Considerando que o Comité Confederal ao fazer pública a nota oficiosa do dia 17 do corrente, usou do direito que lhe confere o n.º 2 do artigo 17.º do Estatuto Confederal;
Considerando que o uso desse direito teve por fim afirmar os princípios sindicalistas preconizados pelo Congresso Operário de Coimbra, que criou a C. G. T., afirmando simultaneamente a autonomia da Organização Operária;

Considerando que se acham aclarados todos os pontos da referida nota oficiosa não só pela declaração do Comité Confederal, como pelas declarações dos organismos operários confederados.
O Conselho Confederal resolve:
Aprovar a nota oficiosa publicada em *A Batalha* do dia 17 do corrente, sem restrições, visto serem ali defendidos os pontos de vista da classe operária organizada, pontos de vista estabelecidos pelos Congressos Operários, e por se ter reconhecido não haver ataque pessoal algum na redacção da mesma nota.»

A atitude do Sindicato do Pessoal do Arsenal de Marinha

Foi Carlos Freire, delegado do Sindicato do Pessoal do Arsenal de Marinha, quem nessa sessão depois de ter defendido a nota do Comité Confederal, requereu que fosse lido o assunto por discutido e se votasse a moção de Miguel Correia.
Do extrato dessa sessão, publicado também em *A Batalha*, consta a seguinte passagem:

«Abel Pereira, delegado do Arsenal da Marinha e Cordoaria Nacional, diz que em virtude de todos os oradores estarem emitindo as suas opiniões pessoais quer emitir sua. Folgou que a C. G. T. mantivesse na sua nota os princípios sindicalistas. Reconhece como inevitável a revolução, e quer que «ela encontre a organização operária bem robustecida. Se o operariado russo estivesse melhor organizado, crê que a revolução teria sido benéfica.
Individualmente decri a-se satisfeito com a atitude da C. G. T. e aprova a moção que está sobre a mesa.»

Assim se pronunciava o Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha, todo coerência, toda unidade. Hoje esse organismo constitui também um baluarte dos divisionistas, despejando os seus dirigentes, nas colunas do seu órgão corporativo, o *Eco do Arsenal*, as maiores calúnias contra a C. G. T. e seus militantes, maisnando uma

Na Penitenciária de Coimbra

Os arrematantes das oficinas do mobiliário exploram ignóbilmente os reclusos e provocam uma crise de trabalho

COIMBRA, 11.—Devem os leitores ter reparado que nestas colunas se vem tratando, há meses, uma enérgica campanha contra a forma desumana como vêm sendo tratados os presos da Penitenciária de Coimbra, cuja odisséia tem sido vivamente demonstrada, quer em artigos da autoria do correspondente, quer em cartas enviadas por reclusos.

Nestas cartas têm sido fustigados como merecem os arrematantes das oficinas, que fazem daquele estabelecimento prisional uma verdadeira *roça*.

Todo o homem de espírito bem formado se sente revoltado com as prepotências vulgares dum carcereiro.

Como sempre temos referido, têm sido os arrematantes das oficinas de mobiliário que mais se distinguem na exploração dos reclusos, podendo dizer-se, sem receio de qualquer dementido, que aqueles cavalheiros encontram nas oficinas da Penitenciária um autêntico *filão*.

Em face dos ataques de *A Batalha*, aqueles senhores, clinicamente, iam dizendo que ela ainda lhes prestava um grande serviço, atacando-os, pois lhes fazia, assim, um réclame gratuito!

Não contavam, porém, aqueles «ilustres» cavalheiros, que a campanha encontrasse eco nos nobres sentimentos do ilustre artista sr. António Augusto Gonçalves, nome respeitado por toda a gente, tanto pelo seu passado austero, como pelo seu devotado amor às artes e a quem Coimbra tanto deve, pela preparação de quasi todos os artistas daqui naturais.

Este senhor secundou, numa série de brilhantes artigos publicados em *O Despertar*, a vibrante campanha de *A Batalha* em prol dos presos. Escalpelou duramente as infâmias praticadas dentro da aquela Bastilha. Foi pessoalmente às oficinas, a convite dos arrematantes, examinar as condições de trabalho ali existentes. E não obstante os previos preparativos feitos para ocultar o que não conviria que fosse sabido, aquele senhor saiu com a convicção mais radicada de que o regime prisional, como ali é exercido, é uma infâmia, uma autêntica infâmia!

Os arrematantes enfiaram-se. Resolveram sair à estacada e defenderem-se em «*O Despertar*» num arrazoado a tanto por linha.

Não tendo a intelectualidade precisa para escrever duas linhas, tiveram que se valer dos favores dum novel advogado que, misericordiosamente, lhes redigiu a defesa, por sinal bem infeliz.

Consistiu essa defesa em engharar as botas do autor dos artigos de «*O Despertar*», de quem se confessam humildes discípulos, misturando criminologia com formões e enxós, e dizer que o culpado de todo este aranzel é o maroto do correspondente dum diário operário, que «os tem apontado ao ódio das multidões».

Depois do aspecto que este caso tomou, é de crer que as mais enérgicas medidas sejam tomadas, por quem de direito, a evitar que a exploração continue a exercer-se infrene sobre os presos.

Não há direito algum para que se esteja prejudicando uma indústria, como a do mobiliário, arrastando para o desemprego dezenas de operários, à custa do sacrifício ingente dos reclusos e em benefício exclusivo de três exploradores.

Noutra local relataramos a atitude assumida, perante este assunto, pelos operários do mobiliário.

COIMBRA, 12.—A indústria do mobiliário, que tem sido a mais afectada pela crise de trabalho, em grande parte devida à manutenção das oficinas da Penitenciária, pode dizer-se que está prestes a desaparecer, se a tempo não forem tomadas medidas que evitem o sossobrar de tão útil quo artística indústria.

Os operários deste ramo de trabalho, verdadeiramente alarmados com o aumento pavoroso da crise, têm envidado todos os seus esforços para que este estado de coisas se modifique, pois nisto está, de certo, a sua própria existência em jogo.

Tendo os arrematantes das oficinas do mobiliário da Penitenciária, feito publicar em «*O Despertar*» uma extensa local em que pretendiam defender-se dos ataques feitos naquele jornal e em *A Batalha* contra o iníquo regime de trabalho existente na prisão, os operários do mobiliário resolveram reunir para demarcar a atitude do sindicato em face deste assunto.

Não tendo, actualmente, o sindicato do mobiliário sede própria, reuniu a classe na sede do Grémio Operário, sociedade recreativa, cuja sala foi gentilmente cedida para esse fim pela sua direcção, tendo-se realizado ali duas concorridíssimas sessões.

Presidiu Amadeu das Neves, secretariado por Alfredo da Silva e Joaquim Pereira.

Antes de se entrar na ordem dos trabalhos, Amadeu das Neves chamou a atenção dos seus camaradas para os cursos que se encontram funcionando na Universidade Livre, exortando os operários do mobiliário a frequentarem esses cursos, seguindo o exemplo de alguns colegas que já ali se encontram.

Diz que os trabalhadores conscientes têm o dever moral de secundar a obra educativa da Universidade Livre, para incentivo dos que se conservam ainda na mais funda ignorância.

Entrando-se na ordem dos trabalhos, é lida toda a documentação que ao assunto se refere, que consta de artigos de *A Batalha*, cartas dos reclusos e uns artigos de *O Despertar*, firmados pelo sr. António Augusto Gonçalves.

Falaram, entre outros, Alfredo da Silva, Arlindo dos Santos, Joaquim dos Reis, José Carvalho e Amadeu Neves, sendo todos unânimes em verberar o regime de trabalho seguido nas oficinas da Penitenciária.

Foi lido, em seguida, um extenso relatório, no qual se expressam os desejos da classe neste momento assunto.

Por Ladislau de Magalhães foi apresentada uma proposta para que a classe se aviste com o governador civil, apresentando as suas reclamações e pedindo a intervenção daquela entidade sobre este assunto.

Amadeu das Neves apresentou um aditamento a esta proposta, que consiste em se oficial para a Federação do Mobiliário, dando-lhe conhecimento deste assunto e pedindo-lhe informes, por intermédio do Conselho Jurídico da C. G. T., das leis que regulam o funcionamento das oficinas dentro das prisões.

Amadeu Neves justificou o seu aditamento, dizendo que não conflita demasiado nos promettimentos do governador civil ou de qualquer autoridade, pois há já muito tempo que a classe está esperando, em vão, que aqueles senhores cumpram promessas anteriores no sentido de minorar a situação angustiosa dos componentes desta indústria.

Foi aprovada a moção com a emenda de Amadeu Neves.

Foi resolvido que se oficie aos industriais, notificando-lhes que de futuro os operários se recusarão a proceder a qualquer trabalho para a Penitenciária.

Foi apreciada, em seguida, uma pretensa defesa dos arrematantes das oficinas, publicadas em *O Despertar*. Discutida de periferia em período, acaba a assembleia por concluir que os seus autores não apresentam nada de concreto em sua defesa.

Por proposta de Alfredo da Silva foi resolvido enviar à *Batalha* e à imprensa local a seguinte nota oficiosa:

«Os operários mobiliários desta cidade, reunidos na sede do Grémio Operário, para tratar da crise de trabalho que há muito se vem desenvolvendo na indústria, e do funcionamento da oficina de mobiliário da Penitenciária de Coimbra, principal causa da mesma crise, resolveram, em face duma carta que os seus arrematantes em sua defesa enviaram ao jornal *O Despertar*, lançar em resposta o seguinte:

1.º É prejudicial ou não à indústria particular e à crise de trabalho a oficina da Penitenciária, nas condições em que actualmente está funcionando?
2.º O ensino ministrado aos reclusos está ou não em harmonia com a técnica o exige?»

'A Batalha' na provincia e arredores

Portalegre
Exploração desumana

PORTALEGRE, 12.—Assinado por «Um grupo de operários» veio há dias parar-nos às mãos, uma exposição acerca da situação actual dos operários da fábrica Robison. Várias vezes e nas colunas de *A Batalha*, nos temos ocupado da miséria que esses infatigáveis obreiros sofrem e da exploração que aquela firma exerce sobre os desgraçados que têm a desdita de lhe cair nas garras.

Os protestos que aqui temos formulado, bem como aqueles que anteriormente formulamos nos extintos jornais *O Sindicalista* e *Corticeiro*, têm passado pouco menos que despercebidos para aqueles a quem os dirigimos, pois que, ante o alheamento dos interessados, os *sobas* da roça importância alguma ligavam ao que justificadamente escreviamos: Agora, porém, as coisas parecem terem mudado um pouco e assim a classe que sofre os horrores duma exploração imprópria dum país que se diz civilizado e duma nação que se jacta de democrática, não podendo impôr-se com energia e firmeza implora e reclama dos que nada lhe podem fazer.

A fábrica Robison que de há longos anos constitui o Brasil dos filhos de «Jon-Bull» que para aqui vieram pedindo esmola e que mais tarde arrumando-se ao tabernáculo da Sinagoga protestante, começaram por pregar aos explorados o descanso e a recompensa num mundo diferente, é hoje a maior e a mais nefasta armadilha em que um desgraçado pôde cair. Ali não se ensina nada, nem nada se aprende. A sua maneira de trabalhar é de tal forma nefasta que um operário que daqui saia, não pode empregar a sua actividade noutra parte, porque a-pesar-de toda uma vida a trabalhar em cortiça, nada sabera fazer.

A exploração sobre o trabalho dos desgraçados é por tal forma revoltante que classificá-lo de roubo seria benevolência demasiada, pois que no fim de oito longas horas de duro e árduo trabalho auferem em média uns 720. Isto nem todos, pois alguns trabalhando onze horas têm quando muito direito a 890!

Alguns deles até chegam a esquecer a sua condição, para só agradecerem ao roceiro mor. A fome que a classe corticeira nesta cidade está suportando é alguma coisa que nos enristece e arreia, pois que além da exploração indicada, ainda alguma coisa mais se passa, como por exemplo o facto de nem sempre a fábrica trabalhar, não obstante o apito sempre se fazer ouvir. A maioria das vezes, quando ele apita só os felizardos e os protegidos chama. Tudo isto é revoltante e contradiz as doutrinas de quem tanta filantropia apregoa. Quando soará a hora de tudo isto liquidar e fazer convencer os esfomeados, que não é com exposições que esta revoltante situação se modifica?—C.

COIMBRA, 12.—A indústria do mobiliário, que tem sido a mais afectada pela crise de trabalho, em grande parte devida à manutenção das oficinas da Penitenciária, pode dizer-se que está prestes a desaparecer, se a tempo não forem tomadas medidas que evitem o sossobrar de tão útil quo artística indústria.

Os operários deste ramo de trabalho, verdadeiramente alarmados com o aumento pavoroso da crise, têm envidado todos os seus esforços para que este estado de coisas se modifique, pois nisto está, de certo, a sua própria existência em jogo.

Tendo os arrematantes das oficinas do mobiliário da Penitenciária, feito publicar em «*O Despertar*» uma extensa local em que pretendiam defender-se dos ataques feitos naquele jornal e em *A Batalha* contra o iníquo regime de trabalho existente na prisão, os operários do mobiliário resolveram reunir para demarcar a atitude do sindicato em face deste assunto.

Não tendo, actualmente, o sindicato do mobiliário sede própria, reuniu a classe na sede do Grémio Operário, sociedade recreativa, cuja sala foi gentilmente cedida para esse fim pela sua direcção, tendo-se realizado ali duas concorridíssimas sessões.

Presidiu Amadeu das Neves, secretariado por Alfredo da Silva e Joaquim Pereira.

Antes de se entrar na ordem dos trabalhos, Amadeu das Neves chamou a atenção dos seus camaradas para os cursos que se encontram funcionando na Universidade Livre, exortando os operários do mobiliário a frequentarem esses cursos, seguindo o exemplo de alguns colegas que já ali se encontram.

Diz que os trabalhadores conscientes têm o dever moral de secundar a obra educativa da Universidade Livre, para incentivo dos que se conservam ainda na mais funda ignorância.

Entrando-se na ordem dos trabalhos, é lida toda a documentação que ao assunto se refere, que consta de artigos de *A Batalha*, cartas dos reclusos e uns artigos de *O Despertar*, firmados pelo sr. António Augusto Gonçalves.

Falaram, entre outros, Alfredo da Silva, Arlindo dos Santos, Joaquim dos Reis, José Carvalho e Amadeu Neves, sendo todos unânimes em verberar o regime de trabalho seguido nas oficinas da Penitenciária.

Foi lido, em seguida, um extenso relatório, no qual se expressam os desejos da classe neste momento assunto.

Por Ladislau de Magalhães foi apresentada uma proposta para que a classe se aviste com o governador civil, apresentando as suas reclamações e pedindo a intervenção daquela entidade sobre este assunto.

Amadeu das Neves apresentou um aditamento a esta proposta, que consiste em se oficial para a Federação do Mobiliário, dando-lhe conhecimento deste assunto e pedindo-lhe informes, por intermédio do Conselho Jurídico da C. G. T., das leis que regulam o funcionamento das oficinas dentro das prisões.

Amadeu Neves justificou o seu aditamento, dizendo que não conflita demasiado nos promettimentos do governador civil ou de qualquer autoridade, pois há já muito tempo que a classe está esperando, em vão, que aqueles senhores cumpram promessas anteriores no sentido de minorar a situação angustiosa dos componentes desta indústria.

Foi aprovada a moção com a emenda de Amadeu Neves.

Foi resolvido que se oficie aos industriais, notificando-lhes que de futuro os operários se recusarão a proceder a qualquer trabalho para a Penitenciária.

Foi apreciada, em seguida, uma pretensa defesa dos arrematantes das oficinas, publicadas em *O Despertar*. Discutida de periferia em período, acaba a assembleia por concluir que os seus autores não apresentam nada de concreto em sua defesa.

Por proposta de Alfredo da Silva foi resolvido enviar à *Batalha* e à imprensa local a seguinte nota oficiosa:

«Os operários mobiliários desta cidade, reunidos na sede do Grémio Operário, para tratar da crise de trabalho que há muito se vem desenvolvendo na indústria, e do funcionamento da oficina de mobiliário da Penitenciária de Coimbra, principal causa da mesma crise, resolveram, em face duma carta que os seus arrematantes em sua defesa enviaram ao jornal *O Despertar*, lançar em resposta o seguinte:

1.º É prejudicial ou não à indústria particular e à crise de trabalho a oficina da Penitenciária, nas condições em que actualmente está funcionando?
2.º O ensino ministrado aos reclusos está ou não em harmonia com a técnica o exige?»

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

O conselho de ministros reuniu ontem novamente, no ministério das colónias, durante a sessão das 10 às 13 horas, continuando a discutir várias assuntos relativos às colónias que tinham ficado pendentes do conselho anterior.

Realizam-se hoje, amanhã depois, nesta teatrinho Juvénia da R. das Escolas Gerais, mais três espectáculos com a engraçadíssima comédia «Um Serão Familiar» e original em três actos, «Quem matou?», que tanto êxito tem obtido e tanto agrado despertam em todo o público de fino gosto, que frequenta aquela casa de espectáculos.

No Grupo Desportivo do Bairro de Inglaterra, realizam-se hoje, amanhã e depois, três importantes recitas, seguidas de bailes, com início às 21 horas.

As festas carnavalescas no Ajuda-Club constam de bailes de máscaras nos dias 14, 15 e 16 do corrente.

As grandiosas festas carnavalescas que ontem inauguraram com um enorme brilhantismo no Coliseu dos Recreios, prosseguem hoje ali, realizando-se às 14 horas e meia uma deslumbrante «matinée» à qual se segue um magnífico baile infantil com prémios às crianças mais bem mascaradas.

No espectáculo repete-se a grande pantomima burlesca «Don Pilon», que ontem na sua estreia obteve o maior êxito de gargalhada, bem como os respectivos intermédios dos notáveis clowns Rico e Alex, Tonito, Arturito e Tony Grice. Toma ainda parte no interessante espectáculo Los Angeles e as graciosas bailarinas Six Palace Girls.

A noite depois do hilariante espectáculo, efectua-se o grande baile de máscaras, que será aberto pelos artistas da companhia tocando alternativamente duas bandas de música.

Amanhã há outra vez «matinée» e baile infantil, prosseguindo à noite os deslumbrantes festejos.

ESPECTÁCULOS TEATROS

Teatrinho.—A's 21,15—«As duas Metades».
A's 24—Baile de máscaras.
Gimnásio.—A's 21,15 — «Vida e doçura». «Revista Nova».—A's 24—Baile de máscaras.
Folha.—A's 21,15—«Pela Nova» e Hortense... delatada.
Trindade.—A's 21,15—«Tierra de Carmen».—A's 24—Baile de máscaras.
A's 15—Matinée.
Politeama.—A's 21,30—«Um drama policial». «Piso, pão... queijo, queijo».—A's 24—Baile de máscaras.
São Luis.—A's 21 — «A Flor do Tojo».—A's 24—Baile de máscaras.
Friburgo.—A's 21,15—«O Pão de Ló».—«Siga a dança».—A's 20,30 e 22,45.—«As onze mil virgens».
Hilaria Vitória.—A's 20,30 e 22,30 — «Foot-Ball».
Coliseu.—A's 21—A pantomima «Don Pilon» por diversos artistas da companhia de circo. — A meia noite, Baile de máscaras.
A's 14,30—Matinée.
A's 24—Baile de máscaras.
Teatro Voz.—A's 9,15—«Pom Pom».
A's 15—Matinée.
Joaquim de Almeida.—Animatógrafo.
Cinema El Vicente (4 Graças)—Espectáculos às 1,30, 5,15, sábados e domingos com matinees.
Ficaria Parke—Todas as noites. Concertos e diversões.

CINEMAS

Tivoli.—Olimpia—Central—Condes—Chiado Terrace—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança—Tortoise—Cine Paris.

DESPORTOS

FUTEBOL
Szombiately contra o Sporting
Hoje, no Campo Grande, pelas 15 horas, realiza-se o desafio-desforra no qual o Sporting procurará estabelecer a «revanche» da derrota que o grupo húngaro lhe infligiu na passada semana.

AGREMIÇÕES VARIAS

Esquerdas democráticas.—Reúnem amanhã, pelas 21,30 horas, na avenida Luís Bivar, todos os membros da comissão política das esquerdas democráticas da freguesia de São Sebastião da Pedreira e bem assim todas as pessoas e colectividades que concordem com a sua orientação a-fim-de tratar de um assunto de urgente oportunidade.

ACREDITA:

Il traqueia geral, a tuberculose, o anémia, o excessivo de fadiga, o enfraquecimento orgânico são têm um inimigo poderoso

NUCLEO CALCINA

TÔNICO ENERGÉTICO ESSENTIAL
Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos
Superior a todas as assimilações nacionais e estrangeiras.
LABORATORIOS DA FARMACIA SARMISTOSIN
Praça dos Restauradores, 18 LISBOA

Novidades literárias

CAVALGADA DO SONHO
E
TERRAS DE FOGO
— DE —
Julio Quintania
2.ª Edição—Escudos 8\$00
A venda em todas as livrarias.— Pedidos à secção de Livraria de *A Batalha*

TIVOLI

Telef. II. 5474
Matinée às 3 h. Soirée às 8 3/4
ESPECTACULOS DE CARNAVAL
Programas cómicos com
MAX LINDER
CHARLOT
PAMPLINAS
PENCUDO
TORCATO
HAROLD LLOYD
Na «Matinée» os preços não são aumentados
Quarta-feira.—Pela primeira vez em Portugal
TOM MIX

EDEN TEATRO

HOJE — HOJE
EM ESPECTACULO INTEIRO
A REVISTA
Fungágá
em que se realizará o 1.º desafio de Foot-Ball entre o público e o «team» Feminino do Eden Teatro para disputa da «Taça Laura Costa»
1.º Baile de Máscaras
AMANHÃ:
As onze mil virgens
também em espectáculo inteiro e 2.º Desafio de Foot-Ball da «Taça Justina de Magalhães»

Teatro Gimnásio

Hoje—Hoje
Inauguração dos espectáculos carnavalescos com a
REVISTA NUA
e com a interessante peça
VIDA E DOÇURA
AMANHÃ
A tia Andreza

HOJE, AMANHÃ, E TERÇA-FEIRA

3 GRANDIOSOS BAILES DE MASCARAS 3
NO TEATRO NACIONAL

HOJE
A GALANTE COMÉDIA

As Duas Metades

AMANHÃ
1.ª RECITA
com a peça

A MULHER DO MEU AMIGO

50 % de abatimento aos espectadores que comprem bilhete de baile e de plateia para assistir ao espectáculo

Fautuils, 15\$00; Cadeiras, 12\$00; Superior, 65\$00; Varandas, 35\$00; Geral, 45\$00.

Teatro Maria Vitória

Dois sessões A's 8,2 e 10 1/2
1.º espectáculo de Carnaval
com a célebre revista

FOOT-BALL

Successo estupendo com os couplets
A Revolução de Cacilhas
e a famosa canção Ó CATARINA
Coplas novas no famoso JORCA
PREÇOS—Camarotes, 50\$00; Fautuils, 15\$00; Geral, 4\$00. Não há locação.

SEMPRE A REVISTA FOOT-BALL

TEATRO APOLO

HOJE—Em 1.ª representação
a farsa de Courtelin
Hortense, deita-te
E A

PELE NOVA

em que BERTA DE BIVAR e ALVES DA CUNHA têm os primaciais papeis

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapelheiros
Grande sortimento em chapéus, flocos e me-
didas em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

Chapéus em cores lindíssimas, formos e
dos mais famosos fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE

TUDO AOS MONTES



(A todos interessa)

Pôrto, Coimbra, Braga, Algarve, Alentejo, Ilhas, Brasil, Índia, Loanda, Moçambique, Congo, Guiné, etc.

Não tem agentes a caso

PREMIANDO

RECEBENDO

RECEBENDO

RECEBENDO

RECEBENDO

RECEBENDO

RECEBENDO

RECEBENDO

RECEBENDO

RECEBENDO

RECEBENDO

RECEBENDO

RECEBENDO

RECEBENDO

RECEBENDO

RECEBENDO

RECEBENDO

RECEBENDO

RECEBENDO

RECEBENDO

RECEBENDO

RECEBENDO

RECEBENDO

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante a sua família em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MENSAIS pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros Sede -- Rua Garrett, 95 LISBOA

Auto protector para evitar a infecção de todas as doenças venéreas, Blenorragia, cancro e todas as doenças sifilíticas, usem:

remédio alemão, duma eficácia garantida usado por todas as pessoas que não queiram apanhar estas doenças.

Cada blenorrágica com as instruções de usar custa em Lisboa 700, e com caixinha de alumínio, Esc. 800. Para a província mais 100 de despesa. Envia-se a cobrança, pelo correio.

A venda em Lisboa: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

A venda no Porto: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

A venda em Faro: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

A venda em Beja: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

A venda em Évora: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

A venda em Huelva: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

A venda em Sevilha: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

A venda em Cádiz: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

A venda em Málaga: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

A venda em Granada: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

A venda em Almería: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

A venda em Murcia: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

A venda em Alicante: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

A venda em Valência: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

A venda em Castellón: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

A venda em Tarragona: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

A venda em Barcelona: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

A venda em Girona: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

A venda em Lleida: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

A venda em Tortosa: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

A venda em Reus: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

A venda em Sagunt: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

A venda em Sagunt: VAREJAS CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18 -- Telefone Norte 4006

CARNIVAL

Não aluguem V. Ex. costumes de máscara sem ver o sortimento do novo do Moderno Guarda-Roupa

LEITÃO
Telefone C. 2888
Rua do Norte, 83, 1.º

LA KABILINE

Tintas francesas para tingir em casa

Exija em todas as drogas porque é a mais econômica, mais rápida e de efeitos seguros.

BOLAS KABILINE para reavivar a cor aos tecidos

KABLOXINE substitui com vantagem a saponaria

KABIMITE contra a traça

Shampooing El-Kibir perfumado

G. Pouymayou, L. da

ARGO DE JESUS, 3 -- (ao Campo das Cebolas)

ANILINAS

"JACOBUS"

De fabricação alemã

As melhores do mundo!

para tingir em casa toda a qualidade de tecidos e fazendas de seda, lã, algodão, rendas, cortinados, etc.

Únicos depositários gerais:

Sociedade de Produtos Químicos, L. da

Em Lisboa: Campo das Cebolas, 43, 1.º

No Porto: Rua 31 de Janeiro, 171, 1.º

Á ÚLTIMA HORA

Acabam de chegar ao DEPÓSITO DA COVILHA

Rossio, 93, 1.º -- Lisboa

GRANDES remessas de peças de ricos estambres mesclados, pretos e azuis para FANTOS e SOBRETUDOS e ricos casimiras de fantasia.

Boas saias, gabardines para vestidos de senhora.

Vendas directas da fábrica ao público.

Tem já feitos e fazem-se por medida fãtos, sobretudos e abafos para senhora com a máxima perfeição e rapidez.

Maneiras amáveis para a província e ao domicílio

Tem alfaiate, não confundir, o Depósito da Covilha é no

Rossio, 93, 1.º -- LISBOA

Telefone Norte 4063

Milhares de curas



SE DEVEM AO HERPETOL

Unicoremedo eficaz para as doenças de PELE

Esta criança foi torturada por uma forte comichão.

Depois de ter usado várias pomadas e outros remédios que nos pais aconselhavam, resolveram consultar o médico, o qual receitou um frasco de HERPETOL.

pele, que tinha a aparência escamosa muito irritada, tornando a criança a um permanente coçar, logo as primeiras aplicações do HERPETOL sentiram-se sensivelmente aliviada, e antes de terminado um frasco todas as manifestações haviam desaparecido.

E recomendou em todos os casos de eczema humido e seco, manchas, erupções, espinhas emorriduras de insetos.

A venda em todas as farmácias e R. da Prata, 257, Lisboa, e na R. das Flores, 153, Porto.

Pedras Metal Auer

para isqueiros, assim como rodas e moedas, vendem-se no

Lata, do Conde Barão

Uma dúzia, \$40; 1 cento, 2\$80; mil, 2\$500

Largo do Conde Barão, 55

A ORIGINAL

RUA DA PALMA

266-A

Malefatos de cabedal

cm. 0,27... 23\$00 0,36... 35\$00

0,30... 27\$00 0,39... 39\$00

0,33... 31\$00 0,42... 43\$00

REBUÇADOS PEITORAIS

Dr. Centazzi

Os melhores para a tosse, catarrhos e bronquites.

Livres de essências artificiais

Cuidado com as imitações

Pedir em toda a parte

Nas casas que mereçam confiança para evitar misturas de outros rebuçados, com o papel imitando o nosso.

Sortido completo em ferramentas para carpinteiros, marceneiros, serralheiros, etc., etc.

FOLES, VENTONHAS, ENGENHOS DE FURAR, LIMAS, BROCAS E MANDRIS

31, L. DO CONDE BARÃO, 32 e 33 -- LISBOA

Companhia Nacional de Navegação

Saídas em fevereiro de 1926

Dia 20, para o Funchal, São Vicente, Praia, Príncipe, São Tomé, Cabinda, Zaire, Ambriz, Loanda, (Ambrizete, Boma, Nogueira, e Landana, com transbordo em Loanda), Amboim, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Cuito, Mossamedes e P. Alexandre, o pacote

AFRICA

Saídas em Março

Dia 1, para o Funchal e portos da Africa Ocidental e Oriental, o pacote

ANGOLA

Dia 15, para o Funchal e portos da Africa Ocidental, o pacote

PEDRO GOMES

Aviso importante -- São avisados os Srs. Carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou ao costado do navio, pelo menos até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidados nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA -- Na Sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

NO PORTO -- Na sua Sucursal, rua da Nova Alfândega, 34.

LIMAS NACIONAIS

UNIAO

ARCAS REGISTRADAS

Associação de Socorros Mútuos

"O DESTINO"

Rua da Madalena, 199, 2.º -- LISBOA

AVISO

Cumprindo o preceituado nos estatutos, avisamos por este meio os senhores associados, que os livros, contas e documentos desta Associação referentes à gerência finda estão patentes ao seu exame durante 15 dias úteis, das 13 às 15 horas, a contar da data da publicação deste anúncio.

Guerra aos parasitas

"ÁTILA"

O melhor produto para a limpeza da cabeça e higiene do corpo.

Resultado rápido e eficaz na extinção dos parasitas.

Frasco -- 2\$50

A venda nas boas casas

Depósito em Lisboa:

Drogaria J. Pimenta, Rua do Alecrim, 84.

Drogaria Viúva Simões & Teixeira, Rua dos Fanqueiros, 236.

Drogaria Ribeiro & Branco, Rua Silva e Albuquerque, 75.

Associação de Socorros Mútuos

"IGUALDADE"

Rua da Madalena, 199, 2.º -- LISBOA

AVISO

Em conformidade com o preceituado nos estatutos, ficam avisados os dignos associados, que as contas, livros e documentos respeitantes à gerência finda, estão patentes ao seu exame durante 15 dias úteis, das 13 às 15 horas.

Lisboa, 13 de Fevereiro de 1926.

Valério, Lopes & Ferreira, L.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metal, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundidos para cadeiras, -- guarnições para móveis --

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

50, R. DO AMPARO, 86 -- LISBOA -- TELEFONE 3930, N. GRAMAS, FERRAGENS

DR. ARMANDO NARCISO

Médico do Hospital de Santa Maria

CLÍNICA MÉDICA

Consultório: Travessa Nova de S. Domingos, 1 (R. do Amparo)

Residência: Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao Luciano Cordeiro)

Unguento de São Lázaro

Cura todas as doenças da pele e feridas, por mais antigas e rebeldes que sejam. Caixa 2\$50.

A venda na

FARMACIA PORTUGAL

216, RUA AUGUSTA, 216 -- LISBOA

Menstruação

Aparece rapidamente seja qual for a causa tomando o FERREOL

Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00.

Envia-se pelo correio a cobrança.

FARMACIA CUNHA

R. da Escola Politécnica 16 e 18 LISBOA

FERRAGENS E FERRAMENTAS

CUTELARIAS E TALHERES

LOUÇA ESMALTADA

GUARNIÇÕES PARA MÓVEIS

REDE E PREGARIA

Telefone C. 2890

VIANA, REIS & NUNES, L. DA

Sortido completo em ferramentas para carpinteiros, marceneiros, serralheiros, etc., etc.

FOLES, VENTONHAS, ENGENHOS DE FURAR, LIMAS, BROCAS E MANDRIS

31, L. DO CONDE BARÃO, 32 e 33 -- LISBOA



A OBRA DUM ALTO COMISSÁRIO

O terrorismo instituído por Azevedo Coutinho e a sua quadrilha de esbirros

Fez anteontem 3 meses que os ferroviários de Lourenço Marques, num gesto altivo mas ordeiro, repudiando uma reorganização monstruosa a que o Conselho Legislativo de Moçambique não tinha dado o seu voto, largaram o trabalho.

Eles, humildes trabalhadores que vinham lutando com inúmeras dificuldades, pensando bem a gravidade da hora que se estava atravessando, não haviam solicitado ou imposto, melhoria de situação, mas também não podiam admitir que, tratando-se, no negregado diploma que os atingia e manietava,—de aumentar os vencimentos aos grandes, mesmo aos contratados que tal não haviam pedido,—lhes fossem diminuídas as regalias antigas, conquistadas à força de lutar e de sofrer, de dissabores e canseiras.

Não haviam pedido mais; mas resolveram, como homens conscientes a quem impunemente se não humilha,—não receber menos.

E no pleno exercício de um direito, vendo que o governo da província não emendava o erro cometido e o crime premeditado, recolheram a suas casas, esperando que um raio de bom senso e de juízo, iluminasse os cérebros falhados dos despotas.

Ao movimento ordeiro dos trabalhadores, respondeu Azevedo Coutinho com a violência. Primeiro, porém, formou um conselho privado de esbirros e de lacaios, arranjou uma imprensa venal e infame, donde brotara a calúnia, donde jorrou a insinuação velha, donde se cuspiu baba e peçonha sobre os que, por amor à verdade e à justiça, erguiam a cabeça a condenar as atitudes burocráticas e tirânicas do Alto Comissário, a sua incongruente e daninha jornada administrativa.

A reorganização fora levada ao Conselho Executivo, e dali aprovada pelos votos de Alfredo Veiga, João Gomes e António Lopes, e regediada,—no que respeita a vencimentos e garantias do pessoal menor, pelos srs. dr. Moreira da Fonseca e coronel Santana Cabrita. Era portanto um mostro-legal porque não fora votada pelo Conselho Legislativo, era um mísero aborto porque fora aprovada pelos votos de três anónimos contra o critério manifestado por dois homens com responsabilidades do governo, pois o primeiro já fora por duas vezes, durante 3 anos, Governador Geral, e o último já estivera, durante meses, como encarregado do governo.

Contra o coronel Gabrita, chefe de Estado-Maior, amoldável até certo ponto mas em todo o caso com as tropas na mão,—não se atreveu a tentar golpe o Alto Comissário e a sua quadrilha de esbirros e lacaios; mas contra o dr. Moreira da Fonseca, administrador interino, incapaz de vantagens infames mesmo para os adversários, tramou-se logo uma reles conspiração.

Era preciso apia-lo, porque regentaria a Reorganização e em pleno Conselho chamaria imbecis aos autores do aborto,—para colocar na Secretaria do Interior uma espécie de anão moral e físico que tratasse os ferroviários como um rebanho de escravos ou como uma matilha de feras raiosas.

Ao cabo de 15 dias de enredos, de porcas, de calúnias, de vilíssimas falsidades, apareceu o homem necessário à situação feroz que premeditara amordagar 800 trabalhadores pela fome, entaipar uma classe em lúgubres prisões para que perdesse a fala e forcesse a consciência.

Na Secretaria do Interior o novo verdugo, sem causa real ou aparente, iniciaram-se as prisões. Primeiro a de um homem que não era grevista mas possuía mão rija para escrever e cabeça alta de mais para pensar e vergar o pensamento; depois, grevistas e não grevistas, tudo o que a quadrilha de rafeiros, lacaios e esbirros ia denunciando.

As tropas vieram para a rua. Espadeirou-se a torto e a direito, provocando os agentes do governo conflitos sangrentos.

Prendia-se às dezenas, assaltavam-se casas, rasgavam-se todas as leis, imperava o terror, a ameaça, o despotismo.

A vida da cidade paralisou. Durante 10 ou 11 dias, uma greve geral de todas as actividades transformou a cidade numa espécie de cemitério.

Inventou-se um vagão diabólico, colocado à frente dos comboios, onde se encaufavam grevistas, sujeitos ao infernal ardor do sol, à chuva, dias e noites seguidas, atormentados por cima de tudo, com fome.

As mulheres vieram para a rua a protestar: espadeiraram-nas e levaram para os calabouços algumas, fazendo-as ali fazer dias e dias.

A seguir, a deportação de 10 ferroviários, sem culpa formada, sem processo, sem causa nenhuma, contra todas as leis, como se eles fossem feras.

A cidade vibrava de revolta. A ameaça de continúas prisões continha a população como um círculo de ferro. O Severino das Patilhas, com os pelos da alma encrespados, à semelhança de Tigelin, era capaz de lembrar ao Nero da Ponta Vermelha que incendiara a cidade.

Roma também ardera, só porque um outro bonzo feroz quizesse cantar e tocar, como um artista de feira, num tablado hediondo.

A indústria vidreira seriamente ameaçada

A comissão delegada da Associação de Classe dos Operários Manipuladores de Cristal que, como noticiámos, se encontra em Lisboa para tratar junto do ministro das Finanças da grave situação daquela classe, entregou ao sr. Marques Guedes uma representação referente ao assunto.

Como o assunto é assás complexo, o ministro das Finanças fez baixar aquele documento à sub-comissão revisora de contas, a qual irá a Marinha Grande na próxima sexta-feira estudar o grave problema.

Em virtude da resposta do sr. Marques Guedes, a comissão operária regressa hoje a Marinha Grande.

Leiam amanhã

RENOVAÇÃO

Revista de arte, literatura e actualidades

SUMÁRIO:

Um revoltado de génio: o pintor Courbet, por Rocha Martins, (com gravuras).

Madrid contemporâneo, a civilização e as ideias, por F. de C. (com gravuras).

O Inverno e os pescadores, por Ferreira de Castro, (com gravuras).

Novas sedes de sindicatos: a dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante e a dos Profissionais da Imprensa de Lisboa (com gravuras).

Uma tribu de polacos caldeiros em Lisboa, por Alfredo Marques (com gravuras).

A cidade dos ricos e a cidade dos miseráveis, (com gravuras).

As superstições em Portugal, por Ladislau Batalha.

Vidas agitadas: Homens e factos: Ferdinand Lassalle (com retrato).

A festa do 2.º aniversário da Associação dos Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa.

A Sombra, conto de Eduardo Frias, ilustrado por Roberto Nobre.

O Mundo Curioso, Capa de Rocha Vieira.

16 páginas de texto, 23 gravuras e capa a cores

1\$50

Informações sociais

(Da Repartição Internacional do Trabalho, da Sociedade das Nações)

Cooperativismo e direito

A. Egger, catedrático da Universidade de Zurich, escreveu um curioso artigo acerca da *cooperacion y el derecho cooperativo*, agora publicado nas *Informaciones Sociales*, número de Janeiro. Depois de expor os principais tipos de legislação cooperativa em vigor, demonstra em como o cooperativismo vai ocupando um capítulo importante na ciência do Direito, capítulo que a maioria dos países estão elaborando.

Refere-se o professor Egger ao Código Suíço e especialmente ao projecto para a sua revisão.

Este artigo interessa muito, não só a juristas, mas principalmente aos cooperativistas.

Os «sem trabalho» na agricultura

Por indicação do ministro do Trabalho e da Agricultura, Inglês, publicou o seguinte aviso:—«Os lavradores que necessitem temporariamente um suplemento de mão de obra para trabalhos que não exijam habilitações especiais deverão dirigir-se à Repartição de Colocações mais próxima, quando não encontrem essa mão de obra na sua localidade. Acontece com frequência que os trabalhadores inscritos nos registos da cidade Repartição não obstante não serem operários qualificados, possuem alguma experiência do labor agrícola e podem perfeitamente efectuar trabalhos nas granjas.

E, pois, essencial que os lavradores indiquem de maneira clara o trabalho que têm de exigir dos operários que necessitam, indicando os salários, condições de trabalho e alojamento.

Existe a opinião errada de que um operário que aceita uma colocação temporária em uma propriedade agrária não pode gozar as vantagens que concede a lei de seguros dos «sem trabalho» ao terminar o seu contrato. Pelo contrário, o operário sem trabalho demonstra assim de uma maneira individual ter-se esforcado por encontrar trabalho, esforço que será tomado em consideração pelo ministro quando o interessado fizer valer depois o seu direito à indemnização.

Código do Trabalho Soviético

O comissariado do Trabalho soviético está estudando a refundição do código do Trabalho, por se ter reconhecido quanta matéria continha de impraticável, perante a nova política económica.

Num discurso, o comissário do Trabalho afirmou:—o nosso código foi elaborado para uso da grande indústria, não é adequado para a indústria domiciliária, nem para o artista mecânico, e muito menos para trabalhos temporários. Faz tábua rasa da diversidade de condições de trabalho nos diferentes campos da economia nacional, e descuida os problemas em detalhe. Se fosse aplicado, interpretando à letra, às vezes cometiam-se verdadeiros absurdos.

Não é grande o texto do *Código do Trabalho Russo*. Ocupa apenas 24 páginas; porém como contém princípios e orientação de carácter geral, foi necessário explicá-lo, em artigos complementares. Estes ocupam 2000 páginas, que se contradizem com frequência entre si e estabeleceram um emaranhado tal que o próprio comissário do Trabalho não consegue, sempre, desenhar.

«Temos» escreve um autor soviético—não uma codificação sistemática, mas sim uma legislação desgraçada, elaborada sem estudos profundos nem exame crítico sobre o qual gravita uma multiplicidade de insinuações e de comentários. Tal é a opinião de Danilova, expressa nas páginas da *Voprosy Truda*, num estudo sobre a importância da codificação da legislação do Trabalho, cuja síntese, o último número das «Informaciones sociales» insere sem comentários.

O SINDICALISMO EM MARCHA

A Liga das Artes Gráficas de Braga aderiu à C. G. T.

Por intermédio da Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares, a Liga das Artes Gráficas de Braga deu a sua adesão à C. G. T.

Aprezamos registar este facto que demonstra que por toda a parte os trabalhadores sabem cumprir os seus deveres de solidariedade e compreender que só a união de todos os trabalhadores pode resultar a sua emancipação.

Ferrovários do Estado

Enquanto se lamuria a miséria dos Caminhos de Ferro o administrador geral vai passear a Londres

Começa a vagar pelos corredores do Terreiro do Paço que se está fazendo um levantamento moral dos Caminhos de Ferro do Estado, e se não fosse as medidas tomadas nestes últimos tempos, seriam a sua perda total. Nós não sabemos quais foram as medidas financeiras adoptadas para o equilíbrio das redes ferroviárias, visto que, vendo pelo prisma imparcial e fora de qualquer benevolência própria de subjuo, não encontramos nada por onde se possa louvar os homens que se encontram à testa da Direcção dos Caminhos de Ferro do Estado.

Embora dia a dia as gazetas venham fazendo reclame de A ou de B, o que é certo é que em matéria administrativa encontramos na mesma que há anos.

No que é que se contribuiu para o equilíbrio orçamental? Nada! Simplesmente as administrações se têm aproveitado da melhoria cambial em relação ao estacionamento das tarifas; em disposições legais, em que o ministério das Finanças é obrigado a dispendir, pagando ao pessoal adido; daí, a fúria de arranjar adidos, publicando-se até uma ordem em que figura o pessoal mais antigo como adido e outros mais modernos no quadro.

Não se olhou a antiguidade, olhou-se simplesmente que eram precisos figurantes, para o ministério das Finanças pagar e por este modo se deixou de dispendir cerca de 500.000 escudos mensais.

Assim, estamos autorizados a dizer que não é preciso ser engenheiro para ser administrador e que qualquer ferroviário o sabe ser desde que lhe paguem todos os encargos.

Mas, ao mesmo tempo que assim se procede para com o ministério das Finanças, nós vimos ir em passeata o administrador geral, o adjunto e o director do Sul e Sueste representando as redes ferroviárias do Estado no congresso internacional de caminhos de ferro realizado em Londres, gastando-se aproximadamente a bagatela de 21.000 escudos.

Será isto administrar? Não bastaria ir a Londres um só representante da administração?

Ao mesmo tempo que assim se esbanja dinheiro, é publicado o decreto coartando regalias ao pessoal reformado diminuindo-lhes os vencimentos.

Haja moralidade!

Não há dinheiro para a administração subsidiária a Caixa de Reformas e Pensões e ao mesmo tempo assistimos a que, por uma questão desconhecida, vimos funcionários a desempenhar funções de categorias superiores existindo contudo os titulares que foram proposadamente afastados. Além do Serviço de Fiscalização, onde o seu chefe foi desviado, e portanto substituído, não encontramos no Serviço de Contabilidade e Tesouraria da direcção do Sul e Sueste quatro substituições de categorias superiores, havendo para todos os proprietários dos lugares; gastando-se assim neste luxo uma verba que não deve andar muito longe de 14.000\$00. Será isto moral? Será isto administrar? Será isto ser financeiro!

Confessamos, caro leitor, que não conhecemos tais teorias em matéria administrativa, nem nunca encontramos no mais modesto compêndio de Economia Política tal modo de desenvolver uma empresa.

O simples facto de o *Diário do Governo* publicar a nomeação de um indivíduo para o lugar de administrador ou director não é o suficiente para ser dirigente; é preciso saber dirigir, e há uns anos a esta data não temos visto senão passar pseudos administradores.

Já é tempo de acordar, já é tempo de dar uma direcção aos diferentes ramos administrativos, é preciso despertar os homens do Terreiro do Paço, é preciso acabar com a barafunda, é preciso lembrar que os caminhos de ferro pertencem à colectividade portuguesa e não a qualquer quadrilha de politiquinhos baratos.

ESCALPELO

AS GREVES

Pessoal da Fábrica Vulcano

Reúnem ontem o pessoal grevista da fábrica Vulcano para apreciar a marcha do seu movimento. Falaram alguns grevistas que afirmaram que parte dos amarelos já retirara da referida fábrica. O delegado do sindicato afirmou que a vitória do pessoal é um facto, pois que os industriais lutam com dificuldade para arranjar pessoal abilitado. Os grevistas reúnem amanhã, pelas 14 horas, na sede do sindicato.

Assalto a um correio diplomático russo

MOSCOVO, 11 de Fevereiro.—A imprensa soviética publica minuciosas declarações de testemunhas nacionais e estrangeiras acerca do assassinato de um correio da diplomacia soviética. As declarações feitas demonstram que o atentado foi premeditado, tendo principalmente a cumplicidade do condutor do vagão que fazia parte do comboio assaltado, o qual, antes do atentado, despertou suspeitas aos passageiros. Outros depoimentos revelam a inércia das autoridades da Letónia, que não prestaram socorros às vítimas nem tomaram as medidas consideradas necessárias para a descoberta dos autores do atentado.

O *Izvestia*, em editorial, declara que a má vontade do governo letão em comunicar ao soviético as conclusões do inquérito a que procedeu e que prosseguirá de forma a satisfazer aquela parte interessada em ilibar os inspiradores do atentado.

Ainda o *Izvestia* diz que os soviéticos não seguiram o exemplo da França nas investigações: no caso das notas falsas, na Hungria; nem o exemplo da Inglaterra no atentado contra Stack, ou, enfim, o exemplo da Itália por ocasião do assassinio dos membros de uma missão militar na Grécia. Segundo a opinião soviética, o governo letão deve comprovar que o inquérito é feito com lealdade e garantir uma indemnização às partes lesadas.—H.

O conflito russo-helvético continua insolúvel

BERNE, 13 de Fevereiro.—O Conselho Federal fez publicar o seguinte comunicado acerca do estado actual das relações diplomáticas entre a Rússia e a Suíça:

«Tendo tomado conhecimento do convite dirigido pelo conselho da Sociedade das Nações à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, para participar da comissão preparatória do desarmamento, que se devia realizar em Genebra, em 15 do corrente mês, o conselho federal apressou-se a confirmar ao secretário geral da Sociedade das nações que, não obstante o estado de relações entre a Suíça e a U. R. S. S., a vinda de delegados soviéticos não seria embaraçada de qualquer forma, ou por qualquer objecção, antes beneficiariam em Genebra de iguais facilidades e prerrogativas concedidas aos representantes de todos os outros governos que tenham aderido à referida conferência.

«Esta disposição provocou conversações entre o governo da República Francesa e o governo dos Soviéticos. A 7 de Janeiro, o governo francês espontaneamente indicou ao conselho federal que se acordaria tacitamente no envio, pelo governo soviético, de representantes a Genebra, a fim de participarem na conferência do desarmamento e nos trabalhos preparatórios.

«Nesta circunstância, o conselho federal aproveitou-se gostosamente dos bons officios do governo francês e, no dia seguinte, 8 de Janeiro, apresentou o seu critério sobre as propostas recebidas num *prémémoria* remetido ao embaixador francês em Berne.

Estes recíprocos preambulos determinaram uma troca de notas entre o conselho federal e o governo francês e entre este e o governo soviético. Nos *prémémorias* enviados em 24 e 31 de Janeiro ao embaixador francês pelo chefe do departamento político foram enunciadas as últimas propostas que o conselho federal poderia formular, no desejo de se chegar a um acordo.

«O conselho federal está pronto a declarar que já cessou de reprovar o assassinato do sr. Vorovsky, desde o dia imediato ao da sua prática, como se pode comprovar com o comunicado publicado nos jornais. Toda a responsabilidade que queiramos atribuir à Suíça será pelo conselho federal repeliada.

«Por outro lado, o conselho federal também se dispõe a acordar, no desejo de tudo apaziguar, no pagamento de uma pensão à filha do sr. Vorovsky, segundo se estipular nas negociações directas entre os dois governos interessados.

«Subentende-se, é certo, que a questão de se indemnizar a filha do sr. Vorovsky será apresentada em conexão íntima das outras questões que os dois governos têm de regular. O fecho das negociações em curso comportará ao governo soviético a participação na conferência do desarmamento e nos trabalhos preparatórios em Genebra, assim como a derrogação de todas as medidas de excepção precedentemente tomadas sob o nome de boicotagem.

«As conversações entre os governos francês e soviético prosseguem ainda, à data desta correspondência. Mais amplos informes não podem ser dados neste momento. (Recebido por intermédio da agência Havas).

CRISE DE TRABALHO

Operários licenciados das obras do Estado e operários sem trabalho

Com bastante concorrência, reúnem os operários da Construção Civil, licenciados das obras do Estado e das obras particulares que se encontram sem trabalho.

Falou em primeiro lugar o delegado da comissão de melhoramentos da Associação dos Mestres e Operários das Obras do Estado, que expôs o resultado das «demarches» realizadas para conseguir-se a aprovação de cinco duodécimos a-fim-de-as obras poderem prosseguir até Julho.

Em seguida o delegado da Bolsa de Trabalho da Construção Civil explicou também quais os trabalhos realizados junto do governo e da Câmara Municipal no sentido de se garantir trabalho aos operários licenciados e aos que se encontram desempregados.

O mesmo camarada leu ainda uma representação que vai ser entregue à Câmara Municipal sobre crise de trabalho.

Falaram depois os operários Francisco Fernandes, Alfredo de Albuquerque e António Vicente Moreira, os quais protestaram contra a situação em que se encontra o operariado da indústria, exactamente num momento em que há tanto trabalho a fazer.

Por fim foram aprovadas duas propostas defendendo a seguinte doutrina:

«Que o conselho de secções convide o operariado da indústria a apoiar o plano de trabalhos delineado nesta sessão.

«Que na primeira reunião a efectuar de operários sem trabalho, os sindicatos dos arredores sejam convidados a fazerem-se representar a-fim-de-queles organismos se interessarem pela crise de trabalho.»

A próxima reunião a que assistem os delegados dos sindicatos dos arredores efectua-se na próxima quarta-feira.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Os delegados da Bolsa de Trabalho da Construção Civil e do Sindicato do Seixal conferenciaram ontem com o secretário do ministro do Comércio, a quem comunicaram que a primeira parte da verba destinada à construção da muralha do Seixal a Arrentela se esgotara no fim da presente quinzena, e se na próxima semana não for entregue a restante verba os operários serão licenciados.

O referido secretário informou os delegados que na próxima quarta-feira será assinada a portaria que habilita ao levantamento da restante verba.

O delegado da Bolsa de Trabalho também entregou na Repartição de Desastres de Trabalho, a fim de baixar ao tribunal respectivo, uma participação referente a um desastre de trabalho ocorrido em Gouveia e de que foi vítima um operário peixeiro.

Ler a revista gráfica RENOVAÇÃO

LEIAM AMANHÃ

O

Suplemento semanal

DE

A BATALHA

Semanário de doutrina, educação e crítica sindicalista

SUMÁRIO:

A Encruzilhada Nun'Alvares. Os que se mascaram, por Cristiano Lima.

A Universidade Livre de Coimbra, por A. C.

O espiritismo, por Ladislau Batalha. No domingo gordo.

O estado faz economias. A substituição regulamentada, pelo dr. Arnaldo Brazão.

O berço da liberdade, por Francisco Costa. Escrúpulos, peça em 1 acto de Octavio Mirbeau.

O que todos devem saber... Chico. Zecas & C.ª.

Este número do Suplemento Semanal Ilustrado publica uma peça completa de Octavio Mirbeau destinada a grande sucesso e representada pelos grupos de amadores.

8 páginas de texto, com gravuras

Preço \$50

Auxílio aos Prêso

por Questões Sociais

Transporte: 1.000\$90.

Quete dos manipuladores de Santarém, 60\$00; cotização dos canteiros do Manicó, 132\$50; quete da tipografia Palhares, 18\$50; grupo Fé Esperança e Caridade, 20\$00; quete do pessoal da Imprensa Nacional, 133\$75; quete do pessoal da Casa da Moeda: Secção de amoeidade, 65\$15; fundição, 61\$00; Armazens, 26\$30; galvanoplastia, 20\$50 e serviço de selo, 60\$00; quete da sessão comemorativa da bandeira do S. U. M. de Lisboa, 32\$00; quete no serão de Arte do S. U. M. do Porto, 45\$00; cotização dos pintores do Manicó, três semanas, 17\$00; quete do pessoal da Parceria dos Vapores Lisboenses, entregue pelo S. U. M. de Lisboa, 15\$20; auxílio dos marfiteiros de Faro, 50\$00; cotização dos carpinteiros do Manicó, 17\$00; quete dum sessão realizada na sede, 25\$35; quete do Centro Socialista de Lisboa, 22\$20; um Grupo de Tráfaluhas, 10\$50; António Lima, 10\$00; quete da Comandita Operária União, 10\$00; quete dos descarregadores do Seixal, 25\$50; quete da Casa Portuguesa, 19\$50; Carlos de Araújo, de Sintra, 2\$00; Manuel Nunes Ribeiro, 5\$00; A. B., 1\$00; J. C. S., 1\$00; João Pedro Gonçalves, 5\$00; João Maria da Silva, 5\$00; Acácio Ferreira, 5\$00; Jilão Branco, 10\$00; Fernando Leal, 22\$00; Grupo da Esquina, Barreiro, 3\$70; Cesar Andrade, 5\$00; José M. dos Santos, 2\$00; Manuel Gonçalves, 20\$00; Luís Cândido de Figueiredo, 15\$00; Secção da Juventude da Construção Civil do Porto, 21\$10; um camarada, 5\$00; António Rodrigues, 10\$00; Trabalho C. T. na Sociedade Verdi, 21\$50; João Mendes Amaral, 5\$00; Francisco Costa, 2\$50; Manuel Pereira, 5\$00; anónimo, de Santiago do Cacem, 5\$00; Augusto José Marques, 5\$50; quete do pessoal da C. T. da Sociedade Verdi, 12\$00; Augusto José Marques, 5\$00; Manuel Café, 3\$00; grupo de soldadores da fábrica Lurendo, Setúbal, 13\$00; Imprensa de Vitorino, 20\$00; Domingos G. Freitas, 3\$70; Camilo Teixeira, Leixões, 1\$50; 53 %, da quete no jantar em homenagem a Vaz da Cruz, no Porto, 50\$00; Simplicio Gomes, 3\$00; corticeiros de Setúbal, resto dum quete, 9\$00; José Alves Cortes Valente, São Paulo, 25\$00; Elísio Faustino Duarte, 5\$00; Grupo Recreativo «Os Fanqueiros», 50\$00; Bernardo da Silva, 2\$00; Manuel Santos Silva, 2\$50; José Mendes Veludo, 5\$00; quete na Maternidade, 10\$00; quete em Palma, 11\$50; Pedro Duruana, 2\$50; Henrique Lourenço, 5\$00; servente da Associação de Marinha, 1\$50; quete da obra nos condutores militares, 10\$50; Joaquim Franco, 2\$00; um peixeiro, 1\$50; José de Evora, 2\$00; Salvador Rodrigues, Setúbal, 8\$00; Augusto Moreira, 2\$50; Manuel José, 5\$00; Associação dos Operários de Carnes Verdes no Porto, 102\$50; quete na sessão solene da Associação do Pessoal de Tráfego, 40\$10; corticeiros de Vendas Novas, 20\$00; Manuel Alves, 5\$00; Inácio Marques, 2\$50; Dose cravados, 6\$00.

Total: 3.070\$00.

Consequências da acção política nos sindicatos

A greve dos operários belgas da indústria siderúrgica vai ser desastrosamente liquidada, ao fim de sete meses de sacrifícios e abnegação, porque assim o querem os dirigentes reformistas que entendem ser a colaboração com os governos o melhor meio de aniquilar a sociedade capitalista.

Depois de fracassada a tentativa do patronato para reabertura das fábricas e dos altos fornos, o governo do socialista Vandervelde decidiu intervir no conflito. Aprentou então uma plataforma que propunha a redução de 3 por cento dos salários. O comité da greve na região de Charleroi, accedendo aos bons desejos do governo, declarou que a proposta era aceitável e submeteu-a à votação dos grevistas.

Aprovaram a plataforma 4.259 siderúrgicos e apenas 438 a rejeitaram.

Os industriais, porém, recusaram-se a aceitar tal plataforma e mantiveram a sua pretensão de reduzir 5 por cento os salários.

Em vez de tentarem o alastramento da greve a toda a indústria siderúrgica da Bélgica, segundo a lógica do sindicalismo, os chefes reformistas limitaram-se a denunciar a ganância dos industriais. E são os reformistas que ajudam os governos e os capitalistas a reprimir a justiça das reclamações operárias.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

S. U. Mobiliário.—Reuniu na passada sexta-feira a assembleia geral, que apreciou o vário expediente que constava de officios dos Taneiros, Trabalhadores do Tráfego do Porto de Lisboa, C. G. T., Empregados no Comércio e Indústria, Impressores Tipográficos, Comissão pró-aniversário da Batalha e Federação Mobiliária. Dado o devido destino ao expediente, foi aprovado o parecer da comissão revisora das contas da comissão administrativa. Resolven-se procurar fazer sair mais ameadamente o *Operário do Mobiliário*. Aprovaram-se alguns trabalhos do comité da sede, tendentes a melhorar a instalação dalguns organismos e resolver-se que brevemente se realizem sessões de propaganda sindical e de esclarecimento contra os maneios divisionistas.

Manipuladores de Pão.—Reuniu a comissão organizadora da federação para trabalhos respeitantes à mesma, que vão adiantados, e pede às associações congêneres do país no sentido de não demorem a resposta às circulares enviadas a fim de não atrasar os trabalhos do congresso.

CONVOCAÇÕES

DIAS PROXIMOS

Manipuladores de Pão.—Reúne amanhã, pelas 14 horas, a comissão administrativa para assuntos urgentes e inadiáveis.

Corpo redactorial de *O Manipulador de Pão* reúne pelas 14 horas, amanhã a fim de ultimar trabalhos respeitantes ao mesmo.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

</